

“Aprendemos, mas parece que repetimos os mesmos erros”

Paris Cronologia de uma revolta

O professor do Instituto de Letras da UFRGS, Robert Ponge, vive no Brasil há mais de 30 anos. Durante o maio de 68, estava em Londres, lecionando língua e literatura francesas numa escola secundária. Ele faz um relato da sequência de fatos daquele momento histórico, acrescentando sua avaliação sobre as vitórias e derrotas do movimento de contestação que sacudiu seu país natal: “A explosão de maio foi provocada pelo governo do general De Gaulle que, desde 1963, vinha aplicando um plano de estabilização que retirava conquistas sociais de trabalhadores. Houve um protesto no pátio central da Universidade de Paris, reprimido com invasão e ocupação policial do prédio e a prisão dos manifestantes. A medida suscitou imediatas e imprevistas passeatas. E o governo, mais uma vez, optou pelo confronto.”

Quando o professor retornou à França, em junho daquele ano, ainda havia greves em andamento. “Minha faculdade, que era a de Letras e Ciências Humanas, tinha cerca de 30 mil estudantes. A universidade se assemelhava a uma fábrica.” Os estudantes reivindicavam mais vagas para professores e novos prédios, em assembleias gerais que reuniam mais de cinco mil pessoas. Finalmente, às vésperas do início do ano letivo em outubro, quase todas as reivindicações foram atendidas e as greves cessaram.

Como historiador, Robert realizou pesquisas posteriores, escrevendo livros e artigos sobre o movimento na França. Ele relembra que o governo de De Gaulle pretendia, entre outras coisas, reduzir o acesso à universidade, diminuir a quantidade de docentes e implantar o ensino pago. Inicialmente, a resistência estudantil foi limitada, até que no campus de Nanterre, que ficava na periferia de Paris, houve uma série de manifestações. Para impedir os protestos, o reitor chamou a polícia e decidiu fechar o campus. “Isso ocorreu num país em que havia liberdade de expressão. Quando o contingente policial cruzou a cidade de Paris carregando estudantes presos, houve uma comoção da população, pois a última vez em que a universidade havia sido fechada fora durante a ocupação nazista. Isso gerou uma passeata relâmpago, mais protestos, mais repressão, mais violência e chocou os parisienses.”

Os protestos se sucederam até que foram erguidas barricadas e a população começou a aderir ao movimento. Robert conta que muitos não participavam das passeatas, mas jogavam objetos nos policiais e davam abrigo aos manifestantes em suas casas. “No início, o movimento sindical e os partidos de oposição mantiveram uma posição de distância, considerando que aquilo era obra de estudantes bagunceiros. Porém, a intensidade das mobilizações e a selvageria da

repressão obrigaram-nos a mudar de posição. Foi nesse momento que o governo recuou, achando que assim conseguiria por fim à revolta.”

Em 13 de maio, já com o governo tendo voltado atrás nas punições à universidade ocorreu a maior passeata da história da França, desde as manifestações que haviam marcado o fim da Segunda Guerra Mundial. No dia seguinte, começou uma série de greves nas fábricas, sem que as centrais sindicais tivessem convocado qualquer protesto. “Essas paralisações partiram das bases, se espalhando como uma avalanche. Entre as reivindicações dos grevistas estavam: jornada de 40 horas semanais sem redução salarial, aposentadoria aos 60 anos e revogação dos decretos-lei prejudiciais ao sistema público de saúde e previdência.” Qualquer semelhança com o que se vê hoje em dia, observa Robert, não é mera coincidência.

Em 30 de maio, o general De Gaulle discursou dizendo que não demitiria o primeiro ministro e convocou eleições gerais, que seriam realizadas se a greve geral terminasse. Isso foi fundamental para uma mudança de curso. As eleições gerais ocorreram no final de junho.”

Conforme o professor, quando De Gaulle convocou eleições, as centrais sindicais de oposição e os partidos políticos começaram a trabalhar para que a greve refluísse, buscando garantir o jogo eleitoral. “Foi um processo demorado, mas eles conseguiram. Quando ocorreram as eleições, o grande vencedor foi o partido do governo.” A vitória, na opinião do historiador, pode ser explicada pela frase de um estudioso do movimento sindical francês: “Doravante reivindicações sociais e atividade partidária vão se distanciar.”

Robert Ponge avalia que, embora muitas reivindicações tenham sido atendidas, houve um gosto de amargura no final, porque o alcance das mudanças poderia ter sido muito maior. “Com o tempo, o governo voltaria a atacar os direitos dos trabalhadores, como vem fazendo até hoje. Não digo que houve uma derrota estrondosa, mas a vitória foi relativa, porque o que foi dado pode ser retomado.”

“Não digo que houve uma derrota estrondosa, mas a vitória foi relativa, porque o que foi dado pode ser retomado”
Robert Ponge



Marco de 68: estudantes fazem passeata na Av. Borges de Medeiros

ARQUIVO MUSEU DA UFRGS/ARQUIVO CORRÊIO DO POVO

O legado de 68

Apesar de a revolução sexual ser lembrada como o grande acontecimento da década de 60, ela não mudou muito a vida das pessoas naquele momento. “Talvez nos *campi* universitários, onde havia maior liberdade e, sobretudo, maior tentativa de provocação contra a autoridade”, explica o professor do Departamento de História Enrique Padrós. Essa crítica à autoridade implicava em contestar permanentemente a instituição familiar, o professor e o reitor, a polícia, os empresários e os donos das corporações midiáticas.

Para ele, o legado mais positivo de 68 estava em aspectos culturais e comportamentais e no questionamento de uma autoridade sufocante, numa época em que se falava muito em democracia. Outro ponto que o professor considera fundamental é a idéia de solidariedade, a visão de que era possível transformar

a realidade a partir de nossa atuação. “Havia o ideal de um mundo mais justo, no qual as pessoas assumiam o protagonismo da História. Depois, tivemos as ditaduras e o neoliberalismo.”

Nessa perspectiva, Enrique acredita que quase tudo ainda está por ser feito. “Por isso dizemos que 68 terminou com uma derrota, embora os alertas lançados naquele momento estejam cada vez mais vigentes: as questões ambientais, o autoritarismo, a falta de controle internacional sobre certos agentes que tomam atitudes sem respeitar nada. O 68 denunciou a intolerância em alguns países, mas ela continua, mesmo que em menor grau. Agora, na Europa, temos preconceito em relação aos imigrantes que vão para lá trabalhar. No Oriente Médio, temos a guerra no Iraque. Aprendemos, mas parece que repetimos os mesmos erros.”



Junho de 68: mobilização junto à Filosofia da UFRGS

ARQUIVO MUSEU DA UFRGS/ARQUIVO CORRÊIO DO POVO

Elite liberada

A socióloga e professora da Faculdade de Educação da UFRGS, Arabela Campos Oliven, cursava o mestrado na Inglaterra em 1969, na Universidade de Essex. Por conta do sistema universitário inglês, que sempre teve uma marca elitista muito grande, o maio de 68 teve pouca repercussão entre os estudantes. “A expansão do ensino superior daquele país foi muito controlada. Além disso, a própria arquitetura dos *campi* ingleses era completamente distinta da universidade francesa. O campus da universidade onde estudei, por exemplo, ficava a uma hora de Londres, numa localidade pequena e isolada.”

Arabela também ressalta que, na época, boa parte do contingente de estudantes universitários era oriunda das ex-colônias inglesas. “A experiência de chegar naquele campus repleto de jovens me pareceu deslumbrante. Depois, acabei percebendo que aquilo era artificial, quase como um ‘gueto acadêmico’ e que vivíamos isolados do restante das pessoas. No campus havia tudo: dormitórios, refeitórios, cafeterias, lavanderia, banco, biblioteca, praças. Com o tempo, isso se revelava meio neurotizante”, relata a socióloga.

Enquanto nas universidades americanas os alojamentos de moças e rapazes ainda eram separados, o projeto arquitetônico de Essex previa alojamentos de uso comum. “Não havia qualquer tipo de controle e podia-se receber quem quisesse nos dormitórios. Tudo era muito sem regras. O problema é que havia muita droga”, lembra a professora. Por outro lado, ela avalia que essa liberdade demonstrava que havia confiança de que os jovens podiam ter autonomia sem a supervisão dos mais velhos.

Arabela recorda que, por ocasião da visita de uma autoridade política na Universidade de Essex, os estudantes fizeram protestos contra as aplicações de capital da universidade em ações das minas na África do Sul. “Para os estudantes, mais importante do que os interesses financeiros da universidade eram os seus compromissos éticos. Era inadmissível dar suporte econômico a um regime político que impunha a segregação racial, mesmo que o montante de dinheiro aplicado fosse relativamente inexpressivo para a economia sulafricana. O que estava em jogo era o caráter simbólico do gesto. Acho que essa manifestação tem a ver com o espírito de maio de 68.”

Ao referir-se à situação das universidades brasileiras em 68, ela recorda que, naquele ano, o problema dos excedentes (jovens que, mesmo aprovados nos exames de ingresso para a universidade, não encontravam vagas) foi resolvido pelos militares com uma reforma universitária, que criou o vestibular e modernizou o sistema de ensino superior do país. “Mas essa reforma foi feita dentro de uma visão conservadora, enquanto os congressos da UNE inspiravam-se nos movimentos da reforma universitária de Córdoba, ocorrida em 1918. Para os estudantes, o importante era que fossem feitas reformas de base na universidade e também na sociedade”, conclui a professora.